

MARGARIDA OCHIENA (BOSCO) 1788 - 1856



Margarida Occhiena nasceu no dia 1º de abril de 1788 em Capriglio, Província de Asti/Itália, sendo a sexta de dez filhos. No mesmo dia foi batizada na igreja paroquial. Seus pais, Melchior Marcos Occhiena e Domingas Bossone, eram agricultores dotados de sinceros sentimentos cristãos. Margarida, desde jovem, é uma grande trabalhadora. Os tempos e o trabalho não lhe permitem estudar, mas o seu amor pela oração é enriquecido por aquela sabedoria que não se encontra nos livros. Reside com seus pais até seu casamento com Francisco Bosco em 1812. Francisco tem 27 anos, é viúvo, com um filho de três anos, Antonio, e tem a mãe doente aos seus cuidados. No ano seguinte, nasce José e em 1815 João (o futuro Dom Bosco). Juntos transferem-se para os Becchi, distrito de Castelnuovo d'Asti.

Em 1817 Francisco morre atingido por uma pneumonia. Aos vinte e nove anos Margarida vê-se enfrentando sozinha a condução da família num momento de grande carestia, cuidando da mãe e do filho de Francisco, o falecido esposo; e os pequenos José e João, seus filhos. Margarida era uma mulher de grande fé. Deus estava sempre

acima de todos os seus pensamentos e sempre em seus lábios.

Agora, em uma Itália dividida, em uma Piemonte com graves problemas políticos/econômicos e vivendo os ares da modernidade, ela precisa conciliar todos os encargos inerentes a um chefe de família pobre e de zona rural. Precisa cuidar da casa, do sustento e educação dos filhos, da lida no campo, da sogra adoentada, das crises econômico-financeiras e da incompreensão de Antônio, um dos filhos de Francisco que assumiu como seu, com relação ao desejo de João Bosco de estudar. Precisa mostrar-se forte e fé inquebrantável, para suportar e superar todas as vicissitudes do momento.

O amor do Senhor era tão intenso que formou nela um coração de mãe. Sábia educadora, soube conjugar nela paternidade e maternidade, doçura e firmeza, vigilância e confiança, familiaridade e diálogo, educando os filhos com amor desinteressado, paciente e exigente. Atenta à vida deles, confia nos meios humanos e no auxílio divino. Acompanha o crescimento de três garotos de temperamento muito diferente com os mesmos critérios, mas com métodos diversos. Ensina-lhes o catecismo e prepara-os para se aproximarem da primeira comunhão.

Obrigada a fazer escolhas às vezes dramáticas (como a de afastar o filho menor de casa para não romper com a paz e para fazê-lo estudar), conduz com fé, sabedoria e coragem o desenvolvimento das habilidades dos filhos, ajudando-os a crescer na generosidade e no espírito de iniciativa. Acompanha com amor particular João até o sacerdócio e depois, deixando a querida casa no Colle, segue-o na sua missão entre os jovens pobres e abandonados de Turim.

Em 1848, Dom Bosco fica gravemente doente, Margarida vai assisti-lo descobrindo o bem



que faz pelos jovens abandonados. Quando Pe. Cinzano diz para Dom Bosco que traga sua mãe para Turim para morar com ele, afirma que ele terá um

anjo ao seu lado. Mas João fica confuso sobre a ideia de convidar sua mãe para sacrifício tão duro, mas ela responde assim: *"Se acreditas que essa é a vontade do Senhor, estou pronta a vir"*. À idade de 58 anos decide deixar a tranquilidade em seu povoado e seguir seu filho em sua missão entre os moços pobres e abandonados do Turim.

A presença de Mamãe Margarida transforma o oratório numa família. Por dez anos, a sua vida se confunde com a do filho, seu nome está estreitamente ligado às origens do carisma da Congregação Salesiana; é a primeira e principal cooperadora de Dom Bosco; com bondade e dinâmica torna-se o elemento materno do sistema preventivo; é, sem o saber, "Co-Fundadora" da Família Salesiana que cria santos como Domingos Sávio e Padre Miguel Rua.

Margarida Occhiena morre em Turim, atingida pela pneumonia, no dia 25 de novembro de 1856 aos 68 anos. Acompanham-na ao cemitério muitos jovens, que choram como se chora por uma Mãe. Gerações de salesianos a chamaram e a chamarão de Mamãe Margarida.

Mamãe Margarida empregou, apesar de seu analfabetismo, o seu talento inato de educadora, de mãe e de santa em prol de uma juventude protagonista. Logo após a sua morte, surgiu uma convicção comum: "era uma santa".



Aqueles que começaram a chamá-la de "mãe santa" testemunhavam que ela jamais abandonou suas convicções, suas crenças, sua fé. Jamais deixou de demonstrar um equilíbrio formidável entre os planos terrestre e celeste.

Proclamada Venerável Margarida Occhiena pelo Papa Bento XVI em 15 de novembro de 2006, próximo de completar 150 anos de sua partida. Consta que a Serva de Deus Margarida Occhiena viúva e mãe de família, exercitou heroicamente as virtudes teológicas da Fé, da Esperança e da Caridade, tanto para Deus como para o próximo, assim como as virtudes cardeais da Prudência, Justiça e Moderação, e outras virtudes anexas a estas.

Em todas as oportunidades, das mais simples às mais complexas, ela não deixa de refletir, com seus filhos, sobre os ensinamentos de Deus, sobre a missão de cada um na busca da salvação.

Usava, na relação com os filhos, a pedagogia do coração, isto é, a de uma mulher de poucas palavras e muita ação que, com simplicidade e sabedoria, traduzia para os seus filhos a complexidade e a grandiosidade do amor.

Exercia, com autoridade e paciência, sua influência sobre os filhos. Jamais abria mão de suas convicções, mesmo que, em determinados momentos, tivesse de agir com certo rigor e "dor no coração". No Oratório de Valdocco marcou sua presença com aquele característico sentido de família que ainda hoje subsiste nas obras salesianas. Incontáveis são os fatos de sua vida, todos narrados nos livros sobre Dom Bosco, em que as lições de fé, de esperança e de caridade estão presentes.



Ao exercer o papel de mãe para os órfãos de Valdocco, foi a cooperadora mais eficiente de seu filho: prepara a refeição, varre, lava, costura e remenda. Mais ainda: encoraja, educa e, na medida de suas limitações, mas na grandeza do seu coração, testemunha a Palavra de Deus.

A santidade de Mamãe Margarida se entende dentro do quadro de uma camponesa do Piemonte entre os séculos XVIII e XIX, isto é, uma mulher analfabeta (como todas as mulheres pobres de então), mas de uma profunda religiosidade. Religiosidade encarnada na dureza da vida, na capacidade de perceber nas pequenas coisas a grandeza de Deus.

Nesse aspecto, é importante ressaltar que ela amadureceu uma visão de fé tradicional, arraigada nos fundamentos do Concílio de Trento, mas não rigorista. Daí compreende-se como ela vivenciou e transmitiu aos filhos, apesar das orientações da época, uma fé em um Deus criador, bondoso, misericordioso e indulgente.

FONTE/Adaptação: <https://pastoral.rsb.org.br/Noticia/514/Veneravel-Margarida-Occhiena-Mamae-Margarida-a-mae-de-Dom-Bosco>